

HISTORIA JOCOSA

DO TRES CORCOVADOS DE SETUBAL.
LUCRECIO, FLAVIO, E JULIANO.

Onde se descreve a equivocação graciosa das suas vidas.



LISBOA,

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA:

Anno de MDCLXXXIX.

Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame,
e Censura dos Livros.



HISTORIA FOCOSA.

Pelos annos 461 depois do Nascimento de Christo Senhor nosso, Reinando, naõ sómente em Portugal, mas em quasi toda a Hespanha o severo Ricario, Rei dos mais Catholicos daquelles tempos: vivia na Villa de Setubal Aurencio, que no exercicio de Sartealheiro ganhava com muito trabalho o sustento da sua familia. De treze filhos, que houve em huma só mulher, lhe morrerão dez em hum anno, ficando-lhe tres de figura tão notavel, que toda a gente que os via ficava suspensa. Eraõ Corcovados por diante, e por detras; tortos do olho esquerdo, coxos do pé direito, e tão parecidos na cara, e talhe do corpo, que seus Pais os naõ distinguiaõ.

Chamava-se o mais vèlho Juliano, o segundo Flavio, e o mais pequeno Lucrecio: Sempre, que estès tres Corcovados trabalhavaõ na tenda de seu Pai, serviaõ de ecarneo, e davaõ motivo de rizo a quantos rapazes lhe passavaõ pela porta, e por isso faziaõ grande ajuntamento defronte della.

Hum dia chegando huas poucos de Estudantes á sua loja, lhes derãõ grandes rizadas, e fizeraõ algumas açcoens com palavras costumadas na gente de poucos annos, em tal fórma, que Lucrecio, (que trabalhava em huma folha de espada) tofocado de colera, se lançou a traz dos ditos Estudantes, e alcançando hum delles o ferio gravemente; e vendo que vinhaõ algumas pessoas apaixonadas pelos Estudantes, se retirou para casa, e fechou a porta.

Como o ferido era filho de hum homem rico, e poderoso daquella terra, veio logo a Justiça, e cercou a casa de Aurencio. Chegou o Ministro, e depois de se atrombarem as portas, que recuzavaõ abrir, entrou

dentro, e perguntou aos que tinhaõ visto a pendencia, qual dos tres Corcovados tinha sido o assassino? Ninguem pode discernir qual tinha sido; porque olhar para todos tres, era o mesmo, que para cada hum em particular. O Ministro perguntou a Juliano, o qual assegurou não ser, o que tinha ferido aquelle mancebo, e que não podia dizer com certeza, se era Flavio, ou Lucrecio. O mesmo disse Flavio; e Lucrecio vendo-se fóra do perigo teve o arrojo de negar, que houvesse tido parte nella açãõ.

Estas respostas embaraçaráõ de tal fórma o Ministro, que lhe não occorria, o que havia de obrar; pois não sendo mais, que hum culpado, lhe pareciaõ tres, e nenhum confessava ser autor do delicto. Depois de algumas reflexões, que fez, mandou meter os tres Corcovados na cadeia, em quanto dava parte a ElRei de caso tão singular. Passados alguns dias, foraõ conduzidos os tres Corcovados á presença da Magestade, a qual em varias perguntas, que lhes fez, não pode averiguar a verdade; por cuja causa mandou, que a cada hum se dessem cem açoutes. Começaráõ por Flavio, e depois por Juliano, e certamente ambos ignorantes se Lucrecio era o delinquente, (tanta era a similitude entre elles) Sofferaõ todos tres os rigorosos açoutes, que lhes derãõ; porém ElRei não pode saber a verdade; e não querendo castigar de morte, sendo sómente hum o culpado, determinou; que todos tres fossem desferidos daquelle Cidade para sempre.

Viráõ-se os tres Corcovados com grandes queixas entre si, e enfiados; porém como lhes foi necessario dar execuçaõ á sentença, que tiverãõ; sahirãõ da Patria, e depois de terem allentado todos tres, o que haviaõ de fazer, Juliano, e Flavio foraõ de parecer, que não deviaõ separar-se, mas Lucrecio era de dictame, que á qualquer lugar onde fossem, em quanto estivessem

(5)

fem juntos , cahirão sempre no mesmo inconveniente ;
 fervindo de rizo ao povo , e causando sublevaçã aos
 rapazes , e que separados não davaõ tanta admiraçã.
 Esta razaõ prevaleceo sobre o dictame dos outros dous.
 Apartarã-se com grandes lagrimas , e tomando todos
 tres caminho differente , e para diversas partes , Lucre-
 cio depois de passar por varias terras da Lusitania , che-
 gou a Santarem. Aqui virco alguns dias sustentando-
 se das esmolas , que pedia a seus moradores ; e vendo ,
 que nesta Cidade havia hum cutileiro de boa fama ,
 se foi á sua casa , e lhe pediu com muita submissãõ , lhe
 dèlle que fazer , pois lhe promettia o havia de agra-
 dar a sua obra ; porque sabia hum segredo mui parti-
 cular para temperar o ferro. O cutileiro por experi-
 mentar , se o Corcovado era taõ habil como dizia , o re-
 cebeo para sua casa ; e depois conhecendo , que não só
 o ferro ; que elle temperava era mais duro , e cottante ,
 do que o que elle trabalhava , senãõ que a sua obra era
 mais delicada , e com mais graça ; por cujo motivo lhe
 acrescentou o jornal , e o tratou bem , para o conser-
 var. A obra de Lucrecio adquerio tantos freguezes a
 seu mestre , que se não fosse gastador , faria huma for-
 tuna mui consideravel : a penas havia dous annos , que
 Lucrecio se achava em Santarem , quando o mestre ca-
 hio perigosamente enfermo de huma grande defordem ,
 que tinha feito ; seu corpo estava taõ mal tratado de vi-
 nho , que todo o cuidado da mulher , e do Corcovado
 não puderãõ inzentallo da morte , que a poucos dias de
 doença alcançou.

Este succello foi occasiãõ favoravel para Lucrecio
 declarar á viuva a paixãõ , que tinha , e sem tropellar
 em cousa alguma , lhe expoz o intento , com que esta-
 vá para a receber por esposa. Ella não se espantou mui-
 to ; porque considerando , que se Lucrecio a deixava ,
 não teria a sua tenda a mesma occurrencia de compra-

dores. Estes, e os outros fundamentos a determinará a prometter-lhe de casar com elle, logo que pudesse fazello, sem reparo dos parentes de seu defunto esposo. Em fim, dentro de poucos tempos se executou o contrato, depois do que, não se contentando Lucrecio só com o officio de cutileiro, em que fez consideraveis lucros, também começou a comprar, e vender azeites,inhos, e outras muitas cousas, em que accrescentou os seus bens.

Os creditos, que este Corcovado tinha nos lugares circunvizinhos, chegarão aos ouvidos de seus Irmãos, os quaes depois de passarem oito annos com extrema necessidade, e miseria, se encontraram ambos em Thomar. Souberam com grande gosto a ventura, e estado de Lucrecio, e parecendo-lhes, que os ajudaria, determinaram ir visitallo a Santarem, onde tanto que chegaram, lhe mandaram aviso por huma pobre mulher, que por caridade os tinha recebido em sua casa. Chegou Lucrecio, mas vendo, que eraõ os seus Irmãos Flavio, e Juliano, lhe sobreveio huma grande paixão, e lhes disse com bastante enfado: *Não vos lembrais já, do que nos succedeo em Setubal? Ainda quereis, que sirva de fazer ser a gente desta terra? Pois eu vos protesto mandar dar-vos muita pancada, se tiveres o atrevimento de chegares á minha porta, e não saberes logo desta terra.* Juliano, e Flavio ficaram allombrados do rigot não esperado, com que seu Irmão os recebera; e supposto, que lhe representaram a sua miseria, e necessidade, com muita submissão, não quiz Lucrecio com padecer-se delles, e por muitas lagrimas, que lhes vio, e rogos que lhes fizeram, lhes deu vinte peças de ouro, com o pretexto, que eraõ para gastos da jornada, e que partissem logo.

Veio depois disto Lucrecio para casa, porém a mulher conhecendo-lhe no aspecto alguma alteraçãõ, lhe perguntou com suavidade a causa daquelle symptoma;

rel,

respondeo Lucrecio, que tudo procedia da chegada de dous Irmãos, que tinha; e porque temia em Santarem as melmas galhofas, que experimentava em Setubal, por isso os privara da sua casa, e os obrigara a sair da terra para fóra. Ouvindo a mulher a aspereza das palavras, com que tratou seus Irmãos, lhe disse, que não obrara bém; pois vindo elles tão necessitados do seu favor, como os não recebera com castinhos, e não como lhe costara; e já que Deos lhe tinha dado bens da fortuna, tinha obrigação de favorecer os necessitados, e muito mais sendo elles seus Irmãos. A paixão de Lucrecio se augmentou de forte, que disse: *Eu começo, mulher, que terás gosto de hospedallas aqui, tanto que partir para Thomar; porém adverte, que se isso fizeres, se ha de custar a vida.* A isto lhe não respondeu palavra, antes lhe prometteo (pelo mio genio, que tinha o marido) que tudo havia de fazer, como elle determinava; e que nem della esperasse outra coisa. Estas promessas não socegarão de todo a Lucrecio; porque passou toda a noite sem dormir, e pela manhã muito cedo se foi a casa da patrona dos Irmãos, onde soube com grande gosto, que havia pouco tempo, que elles tinham saído fóra, com intento de não tornarem mais aquella Cidade.

Juliano, e Flavio sabindo de Santarem com a resolução de procurar fortuna por outras terras, cahio aos tres dias de jornada Flavio gravemente enfermo; e gastando logo, o que seu Irmão Lucrecio lhes tinha dado, se acharam na mesma miseria, sem ter que gastar: vacilantes com a falta dos remedios para a saúde; e com a prohibição do Concorado seu Irmão, de não tornarem mais a Santarem, como se vião precisados do sustento, voltaram a casa da sua patrona, a quem pediram, dissesse a seu Irmão segunda vez, tivesse compaixão do miseravel estado, em que se vião; ou que

lhe fosse valia para os aceitar no Hospital daquella terra, e serem curados das queixas, que padecião.

Foi a mulher a casa de Lucrecio, e sabendo, que havia alguns dias, que tinha sahido a huma jornada, veio logo a dar a noticia aos dous Corcovados, a quem a necessidade apertava tanto, que sem mais consideração logo forão a casa da cunhada; a qual compadecida de suas lagrimas, e miserias, os recebeu benignamente trazendo-lhes logo bastante comida, com que fazião a grande fome, com que estavaõ, que era a doença, que padecião. Apenas tinhaõ Juliano, e Flavio acabado de comer, quando com grande furia baterão na porta da rua. A voz do Corcovado Lucrecio te ouviu, o que causou grande susto á mulher, e seus Irmãos com o medo se fizeram mais palidos que a morte. Ella, que não sabia onde os escondelle para livrallos da colera do marido, determinou occultallos em hum pequena cova, que das casas servia de carroeita. Impaciente Lucrecio com a demora, repetio grandes pancadas, até que se lhe abriu; e suspeitando, que sua mulher tinha dentro algum Gallan, lhe deu muita pancada, e logo entrou a procurar as casas com particular cuidado; porém não lhe lembrou procurar na carroeita; e como não achou ninguem, se deitou na cama, onde esteve até o outro dia quasi á noite, que então sahio para fóra. Tanto que a mulher vio a Lucrecio fóra de casa, se foi promptamente ao lugar, onde tinha escondido os cunhados, e vendo-os quasi sem sentidos (pelos ter cobertos com humas esteiras) ficou allustada augmentou-se mais o seu embaraço, não lhe occorrendo, o que faria daquelles corpos; porém fechando a porta, sahio fóra a chamar hum mariola, disse-lhe: *Que hum pequeno Corcovado, que viera á sua tenda comprar ferragem, tinha recentemente cabido morto com hum accidente, e porque temia algum trabalho com a Justiça, lhe promettia seis escudos.*

(9)

escudos, se metendo-o em hum sacco o fozse lançar no Tejo. Aceitou o mariola o contrato, e metendo a Juliano no sacco o poz ás costas, e caminhou para o rio; chegou á sua margem, abriu o sacco, e lançou o Corcovado no meio de sua corrente.

Veio depois o mariola á casa da cutileira, para que lhe d'elle o ajustado, e lhe disse rindo: *Já; Senhora, o Corcovado serve de pasto dos peixes, agora dai-me o que me prometestes.* Viçou a mulher para dentro, com o pretexto de lhe querer pagar, e recusando fingio hum grande medo, e quasi hum desmaio. O mariola admirado a tultere nos braços, e lhe perguntou, que tinha? *Al?* (lhe disse ella) *Entrai nessa casa, e vereis o motivo de meu susto.* Entrou, e ficou palmeado, vendo o mesmo individuo-o, que lhe parecia ter lançado no rio: Quanto mais olhava para elle mais, se admirava, e dizia á mulher: *Eu, Senhora, estou certo, que lancei esse infeliz Corcovado no Tejo, mas não posso alcançar, de que forma veio outra vez aqui parar! Mas na outra vez ao sacco, e veremos se torna.* Pegou nelle, (que era Flavio) e metendo-o no sacco, se foi ao Tejo, e o lançou em hum alto pégo. Vinho já o mariola muito contente para casa da mulher, quando virando a esquina de hum rua, vio vir hum homem, que trazia na mão huma lanterna, e chegando-se mais perto d'elle, pensou de morrer com medo, quando vio Lucrecio, que vinha para sua casa, e imaginando ser o mesmo, que tinha lançado no rio, pela igual semelhança de todos tres, o seguiu alguns passos; porém, vendo que tomava o caminho da casa da cutileira, donde o tinha trazido duas vezes, pegou nelle com grande furia, e lhe disse: *Posses ser Corcunda, quer fazer zembria de mim suppondo, que gosta de andar ás minhas costas, pois eu lhe protesto, que não escape da terceira.* Pegou nelle violentamente, e lhe lançou o sacco sobre a cabeça, e metendo-o-

tendo-o dentro , sem attender aos gritos ; que dava o miseravel Lucrécio , lhe atou a boca com hum cordel ; e cortendo depressa ao rio o lançou nelle com sacco , e tudo. Alli estere algum espaço de tempo observando se sahia outra vez o Corcovado ; depois veio á casa da mulher a pedir-lhe o frete do trabalho , que tinha tido , e lhe disse : *Não temas , que o maldito Corcovado torne cá outra vez ; porque depois de o lançar duas vezes no Tejo , o encontrei terceira ; porém ainda que perdi o meu sacco , não se me dá disso , só porque elle não appareça mais.*

A cuileira sorprendida deste discurso , pediu ao mariola lhe explicalle melhor , o qual respondeu nesta fórma : *Eu , Senhora minha ama , tendo lançado ao Corcovado duas vezes no rio , vinha pela calçada de Atanar-ma , quando torno a encontrar o maldito do Burreco com hum lanternna na mão ; foi tal a colera que me deu , que agarrando nelle por força o meti no sacco , e lhe atei a boca com hum cordel , e calmei terceira vez no rio assim mesmo atado dentro do sacco.* A mulher ficou quasi morta com esta noticia. *Ab desgraçado ?* (lhe disse ella) *Que fizeste ? Afogas a meu marido , e pedes recompensa de hum homicidio ? Eu me vou queixar ao Juiz , para que castigue o teu diabo.* Não se adustou o mariola destes ameaços , parecendo-lhe ser idéa para lhe não pagar , o que elle tinha ajustado. *Basta de galboza ,* (lhe disse elle) *venha o frete que estás bem me tem custado , andar com o Carcunda ás costas toda esta noite.* Não quiz pagar-lhe a mulher , mas o mariola com grande enfado lhe disse : *Furo a Dior , que se me num paga o frete , ha de air no sacco fazer companhia ao Corcovado.* E lançando-lhe as mãos aos cabellos a quiz meter no sacco ; e o não fez , porque a mulher com os grandes gritos , que deu , amotinou a vizinhança , que logo acodio a ver , o que aquillo era,

(11)

Com medo da gente se tor o mariola, corrido de ser enganado pela cutileira; hindo caminhando para a sua pousada, encontrou tres homens, cada hum com seu fardo ás costas. Disse hum delles ao mariola: *Onde vas á estas horas? Que lhe importa a vossé para onde eu vou?* Respondeo mui enfadado. Replicou hum dos tres homens: *Toma esse fardo, e anda diante de mim.* Não queria o mariola; porém vendo huma espada nua diante de si, não teve outro remedio, senão pegar no fardo, e caminhar na companhia delles, óbs quacs hum era pescador, e outro escravo. Chegatão a hum nobre Palacio, e entrando dentro delló, em huma boa sala, que estava o uito alumiada, puzerão os taes fardos. Ficou o mariola palmado vendo os mesmos três Corcovados, que havia poucas horas tinha acabado de lançar no Tejo. Foi tal o medo, que o concebeo, que cahio no chão com hum grande accidente. Ninguem o pode persuadir, que aquelle caso não podia succeder sem arte magica; mas depois que locegou do susto, disse com grandes rizadas: *Senhores, eu devia de nascer com a sina de trazer sempre estes Corcovados as costas! Esta he a quarta vez, que carrego com este maldito; se não estivesse aqui na presença de Vossas mercês, eu lhe prometto de me vingar aelles.*

O dono d'este Palacio era hum Fidalgo, e Governador de Santarem, que costumava passear todas as noites pelas ruas, para examinar, o que se passava, o qual ficou summamente admirado ouvindo as palavras do mariola. Tinha sahido com hum seu escravo, e encontrando ao pescador, lhe perguntou, onde hia? *Eu vou* (respondeo o tal pescador) *retirar as redes das minhas pesqueiras, que desde pela manhã estão no Tejo. E que far de tudo ao peixe?* (Lhe disse o Governador.) *Pela manhã* (disse o pescador) *o levarei á Praça a vender, pois tenho bem necessidade de dinheiro por a sustentar huma casa de gen-*

te, que tenho ás minhas costas. Queres tu ajustar aqui comigo esse peixe, que estiver nas redes? Respondeo o pescador. De boa vontade, meu Senhor. Pois aqui tens dez escudos por toda a pesca, que nellas se acabar: Estás contente? O pescador se espantou de tal generosidade, parecia que sonhava, porém guardando o dinheiro na algibeira disse: Senhor, se me derão tanto todas as vezes, que retiro as minhas redes do rio, eu seria muito depreſſa hum dos mais ricos moradores desta terra. Gostou o Governador desta comparação, e caminhavaõ todos para a margem do Tejo: entravaõ na pesqueira, e retirando as redes, ficavaõ confusos de ver, entre alguns peixes, os dous Corcovados, e hum sacco, em que estava o terceiro. Causou elle acaso huma grande admiracão a todos, principalmente ao pescador, a quem disse o Governador: Pois que esta peçaria toda me pertence, ha de ir para minha casa; mas he necessario, que nos ajudeis a levalla. O pescador, como tinha visto signaes de liberalidade, se offereceo para levar, o que pudesse; pegou em Flavio, e Juliano, e os poz ás costas, e o sacco, em que estava Lucrecio; e o mais peixe, levou o escravo. Foraõ andando para cima, e no caminho encontravaõ o referido mariola, que entã vinha afoçentado da gritaria da cutileira, como já disse.

Porém tomando ao caso, estando todos na dita sala, disse o Governador ao mariola, excitado da curiosidade: Homem, refere tudo, o que te tem succedido, que supposto a cutileira te não pagasse o frete eu te prometto satisfazer por ella. Respondeo o mariola nesta fórma. Conheçê V. m. a mulher de hum cutileiro, que mora junto á porta do Campo? Pois he a mais fina bruxa, que tem esta terra, pelo trabalho, que a maldita velha me tem dado esta noite. Esta pois, me veio procurar a minha pouzada, e me escolheo entre seis camaradas, que juntos estava-mos: Chamou-me, e

me disse, que me queria fazer huma boa conveniencia. A apparencia do frete me motivou a seguilla; fui atraz della até a sua casa, onde entrei, e para segurar-me mais me deu hum bom copo de vinho, que depois me perturbou alguma cousa os sentidos. Quando já me vio balbuciente, me disse, que hum pequeno Corcovado entrando em sua casa a comprar obra da sua loja, morrera repentinamente dentro della, e temendo que a Justiça lhe dèlle algum castigo, me daria seis escudos, se o fosse lançar no Tejo. Com o interesse da promessa, meti logo o Corcovado no sacco, e executadas suas disposições, vim para receber o ajustado, porém ella me mostrou logo o mesmo Corcovado. Fiquei confuso, porém tornei a metello no sacco, e o fui lançar no mais rapido de sua corrente. Vinha já muito contente para casa da tal bruxa, quando encontro outra vez o diabo do Carcunda com huma lanterna na mão: eu cansado já de tantas burlas, peguei nelle em corpo, e alma, e com grande raiva o meti no sacco, e atando-lhe bem a boca o lancei com sacco, e tudo terceira vez no rio. Fui a casa da cutileira, e lhe contei, o que tinha passado com o Carcunda; mas ella em lugar de me pagar o frete, começou com gritos ameaçando-me com a justiça, dizendo, que tinha afogado seu marido; e fez tal ruido; que por vir acodindo toda a vizinhança, não tive melhor fortuna, que fogir, e depois encontrei logo a Vossa mercê.

Ainda que o Governador não pode penetrar o fundo desta historia, teve tão grande gosto na relação do mariola, como se fosse huma graciosa Comedia. Examinou te de mais perto os tres Corcovados, e porque conhecera nelles alguns sinais de vida, se mandou promptamente chamar Medicos, os quaes vieram logo, e applicando-lhes alguns esgiritos, e varios remedios,

em pouco mais de meia hora se acharão todos tres em seus sentidos. Já mais pessoa alguma no mundo ficou tão admirada, do que esteve Lucrecio com a vista de seus irmãos Flavio, e Juliano, que sentados sobre hũa cadeira estavam. Abria muito os olhos, e fazia especiaes movimentos com a boca, por não poder comprehender, como se achava com elles, em lugar tão desconhecido. Mandou, que em apotentos diversos os deitassem na cama, depois que comessem alguma cousa, e fechallos a chave: Despedido o pescador, se passou ordem, que detivessem o mariola; e que logo pela manhã prendessem a cutileira. Mandou também, que promptamente se fizessem dous vestidos semelhantes, ao que trazia Lucrecio: Tudo se fez como o Governador determinou: Vestiram-se os tres Corcovados, e se mandaram pôr em tres portas diferentes, correspondentes a huma sala de Palacio, dando ordem, que não sahillem a ella, sem que primeiro o determinasse com hum certo final.

Chegou a cutileira á preleza do Governador, que já estava sentado em huma magnifica cadeira na dita sala. Perguntou-lhe o que tinha passado entre ella, e o mariola, a qual confessou tudo, sem occultar nada da verdade, dando juntamente muitas mostras de sentimento pela perda de seu marido. Disse o Governador: *Como he possível, que estes Corcovados se pareçam tanto hums com os outros, que o mariola se enganasse? Ah, senhor!* (respondeo a mulher) *Elle estava quasi bebado, quando lhe dei essa commissão; e de mais disso, meu marido, e seus irmãos erão em tudo tão parecidos, que se os vestissem de huma mesma fórma, pôde ser, que eu o não pudesse distinguir. No mesmo instante fez o Governador o sinal; e sahindo os tres Corcovados, ficou a cutileira espantada de os ver. Oh meu Deus, (disse ella) que prodigio he este? Quando se vio resuscitarem os mortos? He certo o que vejo, ou he sonho? Não te enganas* (disse o Go-

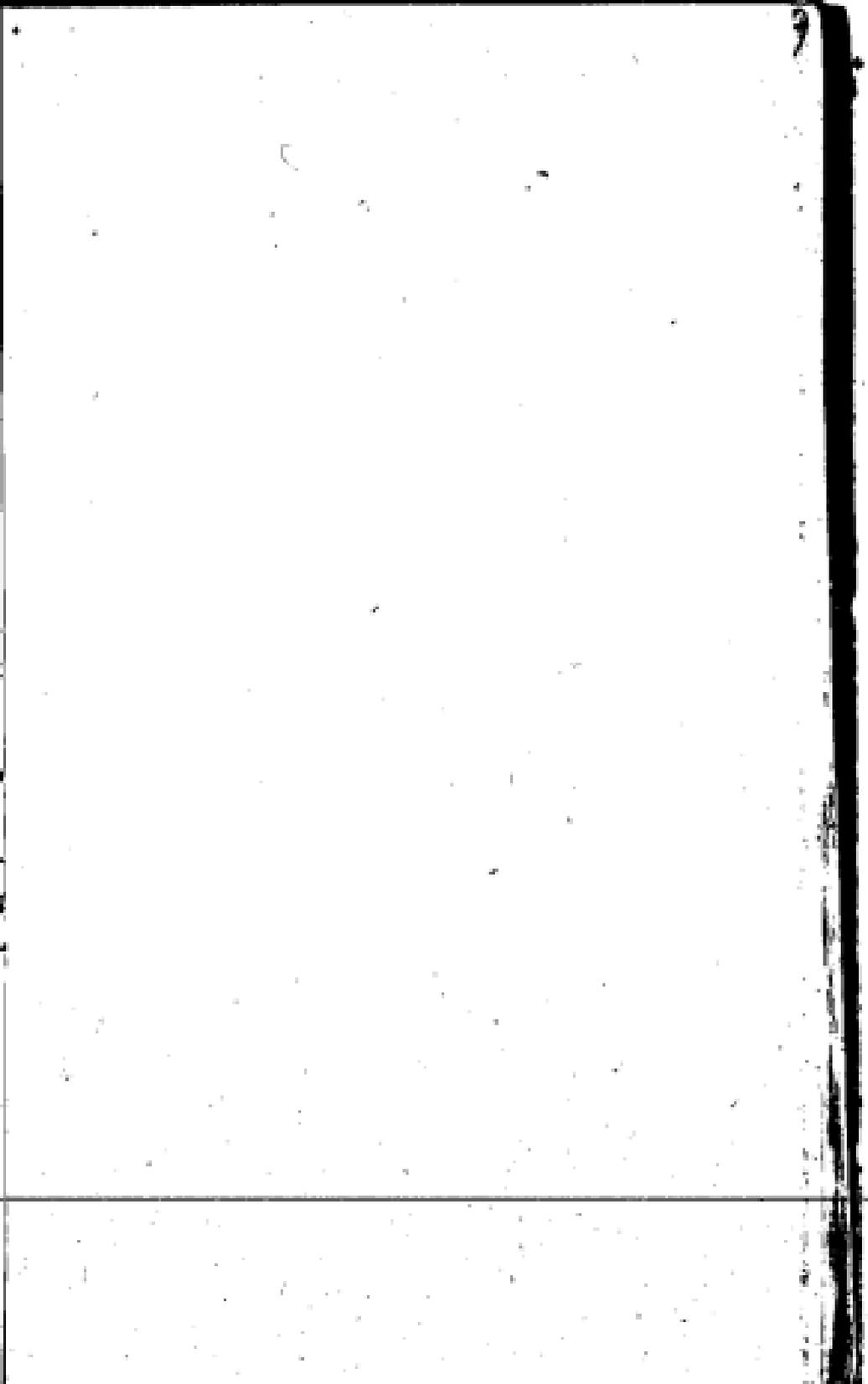
e Governador) *destes tres Corcovados, hum be teu marido, e os dous teus cumbados ; agora reconhece tu , o que te pertence ; olha bem para todos tres , e mando , que sobpena de morte nenhum delles diga cousa alguma.* A mulher admirada summamente os examinou hum por hum, e não pôde conhecer a seu marido. Mandou o Governador, que Lucrecio viesse abraçar sua mulher , porém ficou suspenso , vendo saltar todos tres ao mesmo tempo no pelcoço da cotileira , e alleverar cada hum seu marido.

Flavio, e Juliano não ignoravam , que estavam na presença do Soberano daquella terra , e ainda que conhecia o grande respeito , que lhe deviam ter ; pensavam , que por nenhum caminho melhor se podiam vingar de Lucrecio , do que fazendo-se cada hum passar por elle. Lucrecio se poz mui colerico , e os dous Corcovados se obstinaram em tirar-lhe o nome. Ria muito o Governador , e mais circumpstantes , vendo a boa contextura dos tres Corcovados , porém depois , com alguma severidade lhe disse ; *Póde ser , que não haja tanta perfia enirevós , sabendo , que a razão porque quero conhecer Lucrecio he sómente para castigar a dureza , com que tratou seus irmãos , e prohibir a sua mulher admitir-vos em sua casa , sendo homem com possibilidade para poder fazer bem.* Estas palavras foram ditas com tal soberania , que Flavio , e Juliano cessaram logo da profia , em que estavam , e disseram. *Nenhum de nós he Lucrecio , este he o tiranno , que nos não quiz em sua casa ; e se quereis castigar (apontando para elle) a sua impiedade , nelle se execute , pois bem o merecê.*

O Governador olhando para Lucrecio , o vio em huma grande confusão ; o qual com voz balbuciente , disse estas palavras : *Senhor , todo o castigo , que me mandares dar , confesso , que sou merecedor delle ; por que sendo eu a causa do desterro de meus irmãos , fui tão tiranno*
para

para elles , que os não quiz em minba casa: Eu os devia fazer participantes das minbas venturas, já que o tinbaõ sido das minbas adversidades; porém se hum sincero arrependimento póde conseguir o perdão, eu offereço de boa vontade repartir com elles todos os meus bens, que tenho adquiridos nesta terra. O Governador, que não tinha animo de tratar mal a Lucrecio, ficou muy satisfeito vendo-o com semelhante disposição, perdoou lhe, e pelo regozijo, que lhe tinbaõ dado Juliano, e Flavio, mandou pôr hum Edital na praça de Santarem, que havendo duas donzellas, que quizessem casar com os dous Concavados, daria a cada hum dez mil pezos de ouro. Achraõ-se mais de trinta, que todas imaginaraõ ser muy ditotas em achar hum dote taõ consideravel; porém Flavio, e Juliano, escolhendo entre ellas, as que melhor lhes pareceraõ, fizeraõ seus despoziõs, e receberam o dote, ficando todos na companhia de seu Irmaõ Lucrecio o restante de sua vida.

Vende-se em casa de José Luiz de Carvalho Mercador de Livros, morador na calçada de Santa Anna, onde se achará hum bom sortimento de Livros de varias qualidades.





Biblioteca Nacional

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS
DE AQUISIÇÕES, PROCESSAMENTO E CONSERVAÇÃO

TERMO BIBLIOGRÁFICO

HISTORIA jocosa dos tres corcovados de Setubal : Lucrecio, Flavio, e Juliano, onde se descreve a equivocação graciosa das suas vidas . – Lisboa : na Of. de Francisco Borges de Sousa, 1789

L. 4980¹ V.



Caminhos do Romance

Brasil - Séculos XVIII e XIX



Projeto Textos e
IMLSP

Título: Historia Curioza da Bella Aurora

Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa

Outras obras em:

www.caminhosdoromance.lil.unicamp.br